

Divulgação



Ruy Guerra em ação: o cineasta avisa que pretende filmar até os 100 anos e depois dedicar-se somente à literatura

‘Decidi que vou viver até os 117 anos’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Aos 95 anos, completados em 22 de agosto, Ruy Guerra ocupa uma posição quase sem paralelo no cinema mundial: é um dos realizadores de maior longevidade ainda em atividade e, mais do que isso, continua produtivo. Não vive apenas da administração de um patrimônio cinematográfico iniciado nos anos 1960. Ainda filma, escreve, pensa novos projetos e revê esteticamente o país que ajudou a colocar nas telas do Cinema Novo.

A partir desta terça-feira

(29), o tamanho dessa caminhada poderá ser medido na Caixa Cultural Rio de Janeiro, onde a “Retrospectiva Ruy Guerra – Uma Vida de Cinema” reúne 17 longas dirigidos por ele e dois documentários sobre sua trajetória, com entrada gratuita, até 16 de outubro. A seleção atravessa 62 anos, de “Os Cafajestes” (1962) a “A Fúria” (2024), seu trabalho mais recente.

Moçambicano de nascimento, formado em cinema em Paris e radicado no Brasil desde 1958, Ruy ajudou a construir o Cinema Novo ao lado de Glauber Rocha e Cacá Diegues. “Os Fuzis” (1964), seu segundo longa, conquistou o Urso de Prata em Berlim e tornou-se um dos pilares do movimento.



Divulgação

O cineasta com Gabriel García Márquez, de quem adaptou o conto ‘Erêndira’, para as telas